

Relato de experiência de tutoria remota, em período de pandemia na Universidade Federal Fluminense

Report of experience of remote tutoring, during a pandemic period at Fluminense Federal University

¹ Maria Cristina Barbosa Mendes  

² Manuel Gustavo Leitão Ribeiro 

³ Sérgio Crespo Coelho da Silva Pinto 

⁴ Ruth Maria Mariani Braz 

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade divulgar as ações da tutoria levadas a efeito no âmbito da Universidade Federal Fluminense, sob o viés da acessibilidade. Abrange o relato de experiência da tutoria dos anos de 2020/2021, no curso de Ciências Biológicas, sob a forma remota. Destaca a importância da parceria da graduação com a pós-graduação, sobretudo no trabalho desenvolvido pelo Curso de Mestrado Profissional de Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense. Discute as dificuldades enfrentadas no processo de inclusão, durante a pandemia e aponta caminhos para novas práticas de acolhida da diversidade no ambiente universitário.

Palavras-chave: Acessibilidade. Universidade Federal Fluminense. Tutoria. Pandemia.

ABSTRACT

Or present article item for the purpose of disclosing mentoring actions levied to effect not within the scope of the Fluminense Federal University, sob or vies gives accessibility. It covers the experience report of tutoring from the years of 2020/2021, not Biological Sciences course, remotely. It stands out for the importance of the graduation partnership with post-graduation, above all, no work carried out by the Professional Training Course of Diversity and Inclusion of the Fluminense Federal University. Discusses the difficulties faced in the process of inclusion, during a pandemic and appoints paths for new practices of welcoming diversity in the university environment.

Keywords: Accessibility. Fluminense Federal University. Tutoring. Pandemic.

1 Mestrado profissional em diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense – UFF.

2 Mestrado e doutorado em Ciências Biológicas (Biofísica) no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo realizado estágio de doutorado sanduíche no Commissariat à l'Énergie Atomique, em Grenoble, França. Realizou Pós-Doutorado no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da UFRJ.

3 Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - COPPE-Sistemas e Doutorado em Informática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

4 Doutora em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense. Especialização Lato Sensu em Educação Física Especial na Área de Deficiência Mental (Universidade Castelo Branco).

1 INTRODUÇÃO

O programa de tutoria da Universidade Federal Fluminense (UFF) é um programa de atendimento e orientação aos alunos da graduação. Nesse programa, alunos dos cursos de Pós-Graduação *Strictu Sensu* da instituição auxiliam e acompanham os alunos da graduação, ao longo de um ano. De acordo com a Instrução de serviço PROGRAD N° 25/2020, caberá à Divisão de Monitoria da Coordenação de Apoio ao Ensino de Graduação a gestão superior do Programa de Tutoria na UFF e o acompanhamento e execução de atividades previstas por esta Instrução no âmbito da Pró Reitoria de Graduação.

Assim, a cada ano, são publicados editais, para chamada de projetos cujas inscrições são realizadas pelas coordenações dos cursos de graduação. As propostas apresentadas permitem delimitar as vagas de tutoria a serem oferecidas, a oferta de bolsas, o cadastramento de participantes voluntários, a definição da carga horária a ser despendida na execução das atividades e a delimitação de um plano de trabalho a ser executado.

Do ponto de vista do aluno da graduação, em linhas gerais, espera-se uma maior aproximação com os alunos da pós-graduação, a troca de informações e o conhecimento sobre o caminhar no curso universitário, de modo prático e colaborativo. Além disso, serve como auxílio para evitar a evasão dos alunos, ampliando o interesse e estimulando ferramentas que promovam o conhecimento das carreiras que decorrem do curso escolhido.

Do ponto de vista do aluno da pós-graduação a tutoria é instrumento de trabalho didático, de auxílio cooperativo, de oportunidade de refino de pesquisa e de desenvolvimento de habilidades pedagógicas e formativas. Assim, a tutoria atua como fonte de auxílio mútuo, com troca de informação sobre a vivência prática dos alunos, garantindo dados sobre acesso a bibliotecas, materiais produzidos, acompanhamento de aulas e dinâmica de apoio e acolhida.

Nota-se que são necessárias oito horas de atividades vinculadas ao projeto de tutoria, por semana. Vale destacar:

2.1. O Programa de Tutoria tem como objetivo principal conter a evasão escolar que ocorre nos períodos iniciais da vida universitária, e, para isso, presta atendimento a estudantes ingressantes nos cursos de graduação da UFF, por meio de ações de orientação e de suporte acadêmico conduzidas por estudantes regularmente inscritos em cursos de pós-graduação *stricto sensu* da própria Universidade.

2.2. As ações do Programa de Tutoria devem ser executadas no sentido de fornecer subsídios para que o ingressante possa se sentir incentivado a permanecer no curso de sua escolha (UFF, 2020, p.30).

Analisada em profundidade, a tutoria implica em interdisciplinaridade, formação de redes de apoio e, ainda, valoriza a “construção cooperativa do conhecimento, privilegiando a interação teoria-prática” (DE NEVADO *et al.*, 2009, p. 1654) - elementos indispensáveis para o repensar do processo inclusivo no ambiente universitário.

Em decorrência da pandemia de Coronavírus, a tutoria dos anos de 2020/2021, excepcionalmente, ocorreu na forma remota, devido às restrições provocadas pela emergência em Saúde Pública, no combate ao vírus SARS-CoV-2. A conjuntura excepcional exigiu, assim, novas práticas e adaptações de materiais produzidos, acessos à distância e um novo fazer de trabalho, capaz de manter os vínculos entre os alunos da graduação e da pós-graduação.

O estado de emergência, iniciado em março de 2020, foi reconhecido pela Organização Mundial de Saúde e fez com que a UFF estabelecesse um plano de contingência institucional. Com isso, a Portaria n° 66.622/2020 criou um grupo de trabalho responsável por planejar e executar ações, no âmbito da universidade, com o fim de articular protocolos, os quais receberam atualizações periódicas ao longo dos últimos meses.

Com isso, além das pesquisas levadas a efeito na UFF sobre a Covid-19, bem como o suporte para vacinação, aplicação de testes e envolvimento da comunidade acadêmica no combate à infecção, foi delineado um plano de ação que garantisse a continuidade das atividades acadêmicas de modo remoto⁵.

Superadas as dificuldades do próprio processo de seleção, que também teve de ser adaptado à modalidade remota, especificamente para o curso de graduação em Ciências Biológicas, a tutoria contou com a participação de quatro tutoras de programas vinculados ao Instituto de Biologia⁶, sendo três de acompanhamento de disciplinas específicas e uma de acessibilidade. Não obstante o curso de Biologia ser reconhecido como um curso com grande número de aulas práticas e aulas de campo, em decorrência do isolamento social, estes encontros não ocorreram.

A experiência dos alunos de graduação em Ciências Biológicas com a tutoria remota, focada em diversidade e inclusão, ocorreu a partir da aproximação com o Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão⁷ (CMPDI). Essa experiência é a que passamos a relatar a seguir.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Um dos primeiros objetivos deste relato da tutoria foi investigar a produção acadêmica relacionada ao programa. Para tanto, foram consultados os repositórios online que permitiram a revisão da literatura relacionada ao tema em análise, precisamente nas plataformas Google Acadêmico; Periódicos Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (Capes) e *Scientific Electronic Library Online (SCIELO)*, nos últimos cinco anos.

As palavras chaves utilizadas nessa pesquisa foram “tutoria” e “UFF” e “acessibilidade”. Não foram encontrados resultados nas duas últimas plataformas e os resultados encontrados no Google Acadêmico consistiam em 226 referências. Estes resultados foram analisados e filtrados em uma palavra-chave adicional, relacionada à pandemia. Os artigos encontrados foram elencados no quadro 1 e nas referências finais foram considerados somente aqueles que faziam parte da pesquisa. Assim, foram obtidos 27 resultados, indicados no Quadro 1.

Quadro 1: Lista de resultados encontrados nas Plataformas Periódicos Capes e Scielo com os descritores “tutoria”, “UFF”, “acessibilidade” e “pandemia”. Busca realizada no dia 28 de julho de 2021.

Referenciais	Link de acesso
BRANCO, Juliana Cordeiro Soares; DOS PASSOS, Daniela Oliveira Ramos. Condições do trabalho docente e de tutoria na EAD: fragilização e precariedade. <i>Revista Tempos E Espaços Em Educação</i> , v. 13, n. 32, p. 1-18, 2020.	https://bit.ly/3AZ3Krm
DA CAMARA, Isabela Lima Pinheiro; MONTEIRO, João Evangelista Dias; DE OLIVEIRA SANTOS, Glauber Eduardo. Fatores determinantes da demanda turística internacional para o Rio de Janeiro: evidências baseadas em modelos de regressão linear. <i>Revista Turismo em Análise</i> , v. 32, n. 1, p. 100-119, 2021.	https://bit.ly/3k9m4Y4
ALBUQUERQUE, Regina Fernandes. Educação na primeira onda da Covid-19: as condições de trabalho docente na oferta de atividades pedagógicas não presenciais pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. <i>Revista Interinstitucional Artes de Educar</i> , v. 6, n. 4, p. 378-403, 2020.	https://bit.ly/3sFNuZt
CARDIN, Valéria Silva Galdino; TOBBIN, Raíssa Arantes. HOMESCHOOLING: Constitucionalidade e riscos da tendência a grupos vulneráveis no Brasil em tempos de COVID-19. <i>Revista Culturas Jurídicas</i> , v. 7, n. 17, 2020.	https://bit.ly/3xYKGaN

5 Para aprofundamento, visite <https://www.uff.br/?q=coronavirus>.

6 Programa de Pós-Graduação em Neurociências, Programa de Pós-Graduação em Ciências e Biotecnologia, Programa de Pós-Graduação em Biologia Marinha e Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão.

7 <http://cmpdi.uff.br/>

XVIII SEMANA ACADÊMICA DO CURSO e I SEMANA ACADÊMICA INTEGRADA DOS CURSOS DE PEDAGOGIA DA UNIOESTE DE FOZ DO IGUAÇU E DE FRANCISCO BELTRÃO.	https://bit.ly/3sw4zoC
LIMA, Adriana Nívia Girão. Fazeres educativos em DST/AIDS: experiências e perspectivas das mulheres de Guiné-Bissau estudantes da UNILAB. História Pública e Democracia, p. 50, 2018.	https://bit.ly/2WckjBe
BERSELLI, Marcia; FAZZIONI, Mateus. A colagem e o encenador-performer na cena acessível de Pippo Delbono: uma análise a partir de Questo Buio Feroce e Vangelo. Conception, v. 10, p. e021003-e021003, 2021.	https://bit.ly/2W2TkZd
GONÇALVES, Raelen Brandino. Autismo na rede. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Paulo.	https://bit.ly/3k4TG9w
DA COSTA, Paula Araujo. Arranjos Institucionais de Implementação: analisando o Consórcio CEDERJ. 2021. Tese de Doutorado. PUC-Rio.	https://bit.ly/3z4BVgS
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal. Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Administração Pública–Bacharelado Modalidade Educação à Distância.	https://bit.ly/2UwKDW4
PAZ, Mônica de Sá Dantas. A pesquisa em gênero e software livre: uma análise dos eventos WSL e WIT. Ciberfeminismos, p. 157.	https://bit.ly/3gl90xQ
RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco; NASCIMENTO, Leandro Gileno Militão. Profissão Docente e Ensino Remoto Emergencial.	https://bit.ly/3y2NQKW
ALVARENGA, Flávia Ribeiro de. Formação sócio-histórica do subdistrito de Guarus em Campos dos Goytacazes-RJ: um processo de segregação.	https://bit.ly/3z9gnja
BARBOZA, Carina Mendes. As habilidades comunicativas em um curso de licenciatura em língua espanhola online: análise de uma experiência. 2020.	https://bit.ly/2W8KWae
REED, Philip Gradon <i>et al.</i> , Suplemento ProfSaude.	https://bit.ly/3mqJ3jY
MACENA, Raimunda Hermelinda Maia <i>et al.</i> Advocacy, Comunicação e Mobilização Social: uma análise bibliométrica sobre a Tuberculose. 2021	https://bit.ly/2W8n9Hy
GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena. Estudos da deficiência. Curitiba: CRV editora, 2020.	https://bit.ly/3kczsdy
VIANA, Davi <i>et al.</i> , Tópicos Especiais em Sistemas de Informação: Minicursos SBSI 2021. Sociedade Brasileira de Computação, 2021.	https://bit.ly/3miyUWB
ASENSI, Felipe. Produção de conhecimento: visões e perspectivas VOL. 2.	https://bit.ly/3giX2EZ
SANTOS, Sabrina dos; FREITAS, Renato Hajenius Aché de. Anais do XXIII Encontro Regional dos Grupos PET da Região Sul. 2020.	https://bit.ly/2XIaITr
SANTOS, Andrey Anderson dos <i>et al.</i> Proposta de um modelo de gestão para a Universidade Aberta do Brasil. 2020.	https://bit.ly/382LI05
WINAGRASKI, Erika <i>et al.</i> O Ensino de Ciências para Surdos: criação e divulgação de Sinais em Libras. 2017. Tese de Doutorado.	https://bit.ly/385SwVv
DE SOUZA, Jessica Poliana; MODESTO, Ana Paula. Construção Dos Diagnósticos De Enfermagem Nanda Para O Cuidado Do Paciente Nefropata No Tratamento Conservador. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP), p. 63, 2020.	https://bit.ly/2XI9MhT
GOMES, Luciana Helena Mendes. Programa mais médicos e a integralidade em saúde: perspectiva de profissionais médicos e gestores. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.	https://bit.ly/3kdtqK4
MARANHÃO, Maria Helena Padilha Borba. Alternativas para o reconhecimento e evidencição contábil dos heritages assets em uma Instituição de Ensino Superior: um estudo na Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.	https://bit.ly/3z81LAK
SOARES, Raquel Cavalcante. Tendências da contrarreforma na Política de Saúde e o Serviço Social: privatização e super precarização. Contrarreforma, intelectuais e serviço social: as inflexões na política de saúde. Campina Grande: EDUEPB, p. 119-133, 2017.	https://bit.ly/3yZK5Hg
MELO, Ana Luíza de Alencar Viana <i>et al.</i> Oclusão de apêndice atrial esquerdo na fibrilação atrial permanente: uma alternativa à anti coagulação. 2019.	https://bit.ly/3j0n2qj

Fonte: Arquivo pessoal.

Além disso, para que fosse possível conhecer o público-alvo da tutoria voltada à acessibilidade foi realizado um levantamento dos alunos que se matricularam como alunos com deficiência. Nesse primeiro momento, foram localizados doze alunos com deficiência, sendo que não havia campo específico para indicação do tipo de deficiência de cada um.

Com isso, foram consideradas as autodeclarações dos alunos que relataram: impedimento físico (5); impedimento auditivo (2); déficit de atenção (3) e dislexia (2). Adicionalmente, os alunos foram inquiridos quanto à limitação de acesso à internet e utilização de meios virtuais de aprendizagem, em relação a deficiência que declararam possuir.

Nesse momento, oito alunos afirmaram não existir dificuldades no acesso remoto e quatro mencionaram que poderiam existir problemas. A partir de então, foram cogitados como problemas possíveis: a qualidade do vídeo; a qualidade do sinal da internet; a qualidade do som; a dificuldade de atenção nas aulas e as dificuldades com atividades prolongadas (que, além da atenção exigida, implicariam em maior consumo de dados de internet).

Para contornar a ausência de outros dados mais específicos sobre os alunos, foram encaminhados e-mails de contato individuais, apresentando o projeto de tutoria, as tutoras participantes e dois dos projetos voltados à acessibilidade e inclusão na UFF. A escolha desses projetos considerou aqueles mais próximos dos alunos da graduação. Tratam-se: a) do Programa Sensibiliza-UFF e b) do núcleo de acessibilidade do Diretório Central dos Estudantes da UFF - Fernando Santa Cruz.

A proposta desse primeiro contato foi municiar os alunos da graduação de informações importantes quanto à existência, primeiramente, da secretaria institucional que implementa ações de acessibilidade na UFF e, em segundo lugar, quanto à entidade máxima de representação dos estudantes na instituição.

Isso feito, foram delineadas linhas de ação para a tutoria em acessibilidade, capazes de abranger:

1. atendimento das demandas específicas dos alunos com deficiência;
2. acompanhamento do projeto Biotraduff (que é uma parceria entre a Equipe de Tradutores e Intérpretes de Libras da Universidade Federal Fluminense e a Coordenação do Curso de Ciências Biológicas da mesma Instituição) que já estava em andamento;
3. sensibilização dos alunos sem deficiência;
4. fomento ao debate sobre diversidade e inclusão junto aos demais tutores, de cursos de graduação diversos, da mesma instituição;
5. divulgação de tecnologias assistivas, para alunos e professores.

Quanto ao ambiente de acesso virtual, cumpre notar que os encontros online ocorreram pela plataforma Google Meet. Adicionalmente, o aplicativo WhatsApp foi utilizado para manutenção de um grupo específico da tutoria em Biologia, com acompanhamento do professor coordenador do curso de graduação. Além disso, foi criado um grupo maior, para todos os tutores da UFF, sem participação dos coordenadores de curso, que reuniu, aproximadamente, quarenta participantes. O aplicativo WhatsApp também foi utilizado para contatos pontuais entre os participantes, como canal de comunicação rápida e dinâmica para troca de informações. Como recursos auxiliares foram utilizados os recursos do Google Classroom e os softwares Webcaptioner⁸ e o Loom⁹, como ferramentas de suporte tecnológico.

8 <https://webcaptioner.com/>

9 <https://www.loom.com/>

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em primeiro lugar, é importante destacar os resultados do levantamento bibliográfico. Dessa análise inicial vale ressaltar que a tutoria remota em tempos de pandemia não se confunde com o Ensino à Distância. Este último, que não é uma novidade dos anos 2000, pode ser conceituado como “uma modalidade de educação em que a sala de aula se dá em espaço virtual, ocasionando a não-convergência de encontros, em termos de espaço e tempo, entre professor/a e alunos/as” (BRANCO E PASSOS, 2020, p. 6).

A educação à distância, referida, inclusive, no art. 80, da Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), vem regulamentada no Decreto nº 9.057/17 e demanda apontamentos específicos quanto ao papel dos tutores, nessa modalidade de ensino. É possível problematizar, por exemplo, a precariedade do vínculo profissional do tutor, a desvalorização do trabalho de tutoria, as carências pedagógicas decorrentes da massificação do ensino à distância (BRANCO E PASSOS, 2020).

O ensino à distância pressupõe, ademais, engajamento diferenciado do aluno na rotina do curso. No caso do ensino remoto, durante a pandemia, estávamos diante de uma estrutura criada para o ensino presencial (como mencionado anteriormente, inclusive com um viés notadamente prático, de pesquisa e laboratório) que, de súbito, migrou para uma nova forma de ensino.

Em segundo lugar, a pesquisa bibliográfica indicou inquietações recorrentes no âmbito da inclusão escolar de crianças com deficiência que parecem indicar um estigma a acompanhar a pessoa com deficiência por toda a vida. Nesse aspecto vale ressaltar, por exemplo, que mesmo na graduação:

(...) O processo inclusivo nos direciona a olhar para todos, demandando também esforços de todos os envolvidos. Enquanto a escola continuar desconsiderando as especificidades correrá sempre o risco de promover a exclusão, mesmo quando inclui. E mesmo respeitando as especificidades, o grande esforço inclusivo diz respeito a não perder de vista o que todos têm em comum, partindo do pressuposto de Claude Lévi-Strauss: “somos todos iguais, mas não idênticos” (GONÇALVES, 2019, p. 137).

Acrescente-se a isso que é preciso pensar e repensar a continuidade da vida da pessoa com deficiência, como um processo de longo prazo, durante o qual precisam ser asseguradas oportunidades. De tal sorte, as demandas do aluno com deficiência na graduação podem ser distintas daquelas que ele teve, até então, na sua trajetória escolar. Na pandemia, inclusive, os alunos puderam estar diante de situações que, até então, nem sequer teriam cogitado.

Vale a advertência segundo a qual:

(...) grande parte das políticas nacionais é segmentada – sejam políticas voltadas à educação, saúde, acessibilidade, por exemplo – e não engendra a possibilidade de um ciclo de vida “tradicional” com as devidas transições entre a família, escola, trabalho e idade adulta. Para tanto é fundamental promover arranjos que envolvam de forma ativa a comunidade como ente acolhedor das pessoas com deficiência” (ONU, 2013, p. 7).

Nesse ponto, destacamos a importância de um olhar atento para a pessoa com deficiência, para que posamos ouvir qual a melhor forma de proporcionar acessibilidade real. Além disso, destacamos aqui o termo “pessoa com deficiência”. Esse é o termo adotado pela legislação brasileira e sua utilização é importante para enfatizar que além da deficiência existe uma pessoa. Assim, não nos valemos aqui dos termos “portadora de deficiência” ou “pessoa com necessidades especiais”. Assim:

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

§ 1º A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará:

I - Os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo;

II - Os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais;

III - A limitação no desempenho de atividades; e

IV - A restrição de participação.

§ 2º O Poder Executivo criará instrumentos para avaliação da deficiência (BRASIL, 2015, p. 1).

Acrescido à disposição normativa, vale o alerta segundo o qual:

No Brasil, tornou-se bastante popular, acentuadamente entre 1986 e 1996, o uso do termo portador de deficiência (e suas flexões no feminino e no plural). Pessoas com deficiência vêm ponderando que elas não portam deficiência; que a deficiência que elas têm não é como coisas que às vezes portamos e às vezes não portamos (por exemplo, um documento de identidade, um guarda-chuva). O termo preferido passou a ser pessoa com deficiência (SASSAKI, 2007, p.3).

Essa atenção à terminologia adequada deve ser associada ao reconhecimento de direitos específicos dos alunos com deficiência, enquanto reflexo de direitos humanos e de acesso a uma educação de qualidade, sem entraves. Ademais, no contexto da pandemia, trata-se de grupo vulnerável, seja por conta da maior discriminação que sofrem, seja por conta das dificuldades de acesso que enfrentam (SANTOS, 2020).

Nesse sentido, percebemos que a linguagem também foi importante para o processo de inclusão. Além disso, sobleva destacar a percepção de que é mais fácil pensarmos em um material acessível e construí-lo com essa ideia em mente do que refazer um material, não acessível, para torná-lo compreensível para pessoas com as mais diversas deficiências.

Essa, inclusive, é a lógica do desenho universal e do desenho universal de aprendizagem. De acordo com a definição do art. 3º, II, do Estatuto da Pessoa com Deficiência, desenho universal é a concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva. Isso nos reporta à noção de que todos os alunos precisam ter garantidas formas de acesso ao conteúdo das aulas, de modo igualitário: de todos, para todos.

Na perspectiva do desenho universal de aprendizagem, barreiras ao ensino e à aprendizagem precisam ser reduzidas e, para isso, novas formas de pensar os espaços escolares e as práticas pedagógicas tornam-se indispensáveis (NUNES E MADUREIRA, 2015).

É nesse sentido e feitos esses esclarecimentos iniciais, que cumpre-nos notar que apenas dois alunos responderam ao e-mail individualizado de contato realizado pela tutoria de acessibilidade. Um dos alunos passou a ser acompanhado com mais proximidade por se tratar de aluno surdo, participante de projeto de Libras¹⁰ e outro apenas buscou informações adicionais sobre a proposta da tutoria.

10 O projeto de Libras aqui referenciado foi estruturado especificamente para uma aluna surda considerando suas demandas particulares. Dentre estas, vale ressaltar: pequeno vocabulário em Libras que a aluna possuía até então e o histórico de acompanhamento de aulas com leitura labial. Por essa perspectiva, existiam dificuldades tanto na comunicação através da Língua Portuguesa quanto da Língua de Sinais. Para saber mais: <https://periodicos.uff.br/revistasaberes/article/view/49617>.

Esse primeiro resultado deixou claro que, ainda que seja importante que exista um primeiro contato no qual os alunos possam indicar quais recursos de acessibilidade necessitam, nem todo aluno com deficiência da graduação sabe ou conhece que é um “recurso de acessibilidade”.

Legendas, audiodescrição, Libras, material com cores específicas, fontes maiores de letras, por exemplo, precisam ser ofertadas, de modo amplo, para que os alunos conheçam e se sintam mais à vontade para se manifestar quanto aos próprios recursos. Nesse ponto foi importante notar que a indicação de tecnologias assistivas muitas vezes tem de partir do professor ou do tutor, pois o aluno pode não conhecer recursos que melhorem sua acessibilidade nas aulas remotas.

Além disso, a tutoria pode evidenciar que dentre as maiores dificuldades dos alunos da graduação estão aquelas relacionadas ao conhecimento prévio de mundo, de elementos de formação de base, anteriores às disciplinas da faculdade, indispensáveis para o acompanhamento das matérias. Em tempos de ensino remoto, essa dificuldade muitas vezes era aliada ao próprio acesso remoto ao conteúdo proposto. Com isso, parte da demanda da tutoria também é propiciar um ambiente de acesso amigável aos conteúdos que o aluno não domina, de modo acessível. Essa triagem de materiais, inclusive, abrange a pesquisa de fontes confiáveis de materiais, cabendo ao tutor a tarefa de gestão de dados de pesquisa.

O contato inicial da tutoria, exigiu, portanto, atenção especial ao suporte relacionado às adaptações de materiais e necessidades específicas, por área de deficiência (auditiva, visual, motora ou intelectual), na forma online. Como demanda direta, houve a criação de um pequeno tutorial de acessibilidade, com dicas práticas, voltadas aos professores e tutores.

O passo a passo proposto apontava para a necessidade de fazer uma apresentação do curso, garantindo que os alunos entendessem a importância de cada disciplina na formação geral. Foi sugerido um roteiro estruturado de como as atividades e os encontros, síncronos ou assíncronos, seriam realizados, com a apresentação, inclusive, de um calendário. Essa medida auxilia aqueles estudantes que têm alguma dificuldade de concentração, facilita o trabalho dos intérpretes de Libras e melhora a fluidez e a organização das aulas.

No caso de alunos com impedimento visual (muito embora não tenha existido uma demanda direta nesse sentido) foi importante sensibilizar para que as imagens fossem descritas sempre. Foi sugerido que os professores descrevessem, principalmente, aquilo que houvesse de mais relevante na imagem utilizada.

Assim, antes de pensar em detalhar a imagem da esquerda para a direita, de cima para baixo, cores e elementos, os videntes precisavam pensar e sentir o que a imagem buscava transmitir. Por exemplo: a imagem é um convite? Um símbolo? Um gráfico? Uma tabela? Uma representação de algo que exija abstração, como uma molécula?

Veja o exemplo abaixo:

Figura 1: Brasão da Universidade Federal Fluminense



Fonte: <https://www.uff.br/?q=uff/bras%C3%A3o>

Início da descrição da imagem.

A imagem é um desenho que representa a Universidade Federal Fluminense. Trata-se de um brasão, composto de três tochas de fogo na parte superior, na cor amarela, com detalhe em vermelho, que representam o saber e a fé. Em destaque, na cor branca, em fundo azul, a abreviatura “UFF”. No centro, com fundo azul e destaque em amarelo, estão três pilares que simbolizam ensino, pesquisa e extensão. Ostenta ainda, na parte inferior, em letras brancas, sobre uma faixa azul, a frase em latim “Discere, docere, seminare” (“Aprender, ensinar e semear”).

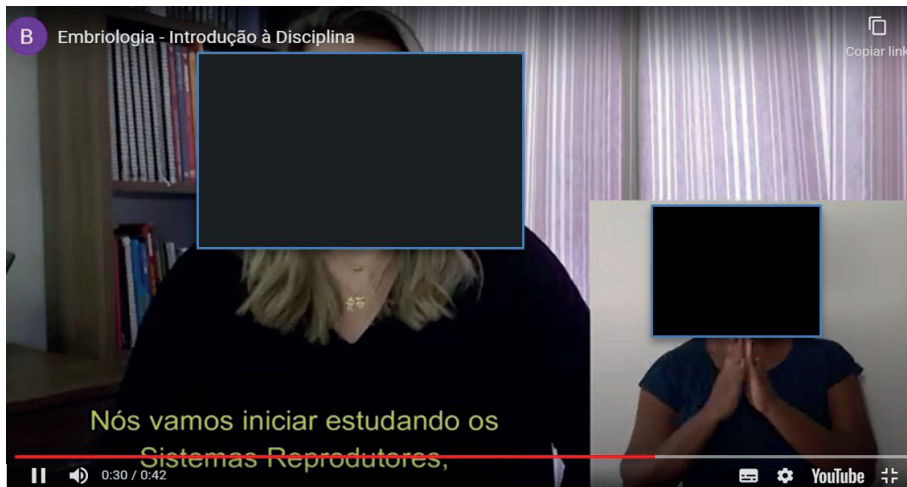
Fim da descrição.

A proposta da tutoria é a de que os professores fossem incentivados a não deixar de usar um recurso visual - mas apenas tornar esse recurso compreensível. Os professores também foram alertados para que não descrevessem as imagens em um documento anexo, dificultando o acesso a esses dados e que fosse seguido um critério: por exemplo, incluir a descrição sempre logo abaixo das imagens utilizadas, para que o aluno pudesse observar um padrão de organização de informações.

Uma dica importante é lembrar que leitores de telas, em sua configuração normal, não identificam cor da fonte, palavras marcadas em negrito, itálico ou sublinhado. De tal sorte, os professores foram alertados para a importância de se evitar essas marcações para identificar informações relevantes, como, por exemplo, a resposta correta de uma pergunta, como única forma de identificar uma informação.

Quanto aos materiais em vídeo, foi destacada a importância do vídeo com legendas. Esse recurso é importante para que pessoas com impedimento auditivo localizem falas, acompanhem o que se passa no áudio e atinjam a compreensão do conteúdo. Além disso, foi destacada a importância do vídeo com janela de libras e que essa janela tenha aproximadamente um quarto do tamanho do quadro total da imagem, para que a visualização do intérprete seja, de fato, possível.

Figura 2: print da janela de vídeo aula de embriologia. Os rostos da professora e da intérprete de Libras foram preservados.



Fonte: Projeto Biotraduff (<https://bit.ly/3j2Dd6x>).

Na imagem temos um print da tela do Youtube onde foi disponibilizada a aula de Embriologia (Introdução à Disciplina). É possível observar a professora, em primeiro plano e a janela com a intérprete de Libras, no lado direito da imagem. Observa-se também a legenda. Na parte inferior da imagem, o registro da barra de rolagem do vídeo e a barra de ferramentas da exibição no Youtube.

Para os momentos síncronos, com os intérpretes de libras, foram destacadas a) a velocidade da fala para que o intérprete possa acompanhar adequadamente; b) o respeito ao tempo, para as trocas entre os intérpretes; c) o estímulo para que o aluno surdo sinalizante participe das aulas, valendo-se ou não da voz do intérprete; d) a organização dos participantes para garantir um falante por vez e) o envio aos intérpretes de slides e outros materiais com antecedência¹¹ (MARINHO, 2007, MARIANI, 2014).

Mariani (2014) escreveu que:

A presença física dos intérpretes nas salas de aulas é uma questão discutida por Silva e Baumel (2011) que mencionam que este seria o fator mais importante para o ensino das Ciências ao surdo. Marinho (2007), ressalta que alguns erros na interpretação de uma aula podem acontecer, provavelmente devido às falhas não intencionais nas traduções de textos originais; a velocidade dos movimentos das mãos, a falta de imparcialidade, ou desconhecimento do conteúdo que está sendo ministrado na sala de aula, ou até mesmo pela falta de sinais científicos (MARIANI, 2014,p.47)

Importante notar que a inexistência de sinais em Libras, principalmente de termos específicos da Biologia, exige um esforço a mais do intérprete, bem como denota a necessidade de criação de glossários – o que constitui uma demanda real e um desafio permanente para a inclusão dos alunos surdos, usuários de Línguas de Sinais. Projetos como o Biotraduff, nesse contexto, ganham ainda mais importância.

11 O envio do material com antecedência permite a preparação do intérprete, garante a verificação do vocabulário a ser utilizado, aproxima professores e intérpretes, facilita a dinâmica da aula, organiza a cronologia do assunto e respeita a demanda de trabalho do profissional que fará a interpretação.

Assim:

No contexto do processo de ensino-aprendizagem de ciências, a complexidade dos conteúdos passados e a falta de sinais-termos específicos trazem grandes desafios aos estudantes surdos. As disciplinas do ciclo básico dos Cursos de Ciências Biológicas, especialmente as disciplinas moleculares, envolvem uma linguagem científica com características e terminologia próprias para designar fenômenos complexos e exigem um grau de pensamento abstrato. Para que a aprendizagem ocorra sem restrições, estudantes surdos precisam estar expostos ao ambiente linguístico adequado e em contato permanente com o conteúdo através da Língua Brasileira de Sinais (LEAL *et al.*, 2021, p. 24).

Soma-se a isso que:

Pelo fato da Libras ser uma língua relativamente nova (BRASIL, 2002) existem poucos dicionários, quer sejam impressos, quer sejam virtuais, que apresentem sinais técnicos – ou científicos – para as diversas áreas de ensino e pesquisa (...) Diante desta lacuna, é muito importante que professores se sensibilizem e compreendam a necessidade de preparação das aulas visando estratégias comunicativas adequadas à comunidade surda, buscando sinais em Libras que possam ser utilizados em sala de aula, já que muitas vezes os alunos conhecem somente sinais usados no seu cotidiano (WINA-GRASKI, 2017, p.131).

Para os materiais escritos, foi destacada a importância do objetivo claro com palavras mais simples e sentenças mais curtas, apresentando sempre uma ideia ou informação de cada vez, para que todas as pessoas, inclusive aquelas que tenham alguma deficiência intelectual, possam ter plena compreensão de seu conteúdo. Nos slides, foram sugeridos acréscimos de títulos em cada slide, para facilitar a localização do conteúdo nele utilizado; atenção ao tamanho de letra (próximo a 28 nos textos corridos e próximo a 33 nos títulos), além de atenção ao contraste das cores entre si para melhor assimilação do conteúdo.

Para produção de vídeos: locais com boa iluminação, cuidado com sombras, sobretudo no rosto, mínimo possível de ruídos de fundo, boca visível para permitir leitura labial, apresentação pessoal e daquilo que aparece no vídeo, com um bom ângulo de câmera e áudio limpo foram os pré-requisitos para a produção de materiais próprios pelos professores.

Acrescente-se a isso que foi observada uma limitação quanto aos pacotes de dados dos alunos que restringiam o acesso ao material online, a despeito dos editais de apoio emergencial para acesso à internet ofertados pela universidade, que provavelmente não contemplaram toda a demanda. De tal sorte, foram sugeridos vídeos mais curtos, mais acessíveis e de mais fácil manuseio e compartilhamento.

Importante considerar, ainda, que a restrição de dados de internet pode ser uma dificuldade para o próprio intérprete que, ao participar do projeto de tradução dos materiais, utiliza recursos próprios para a gravação dos vídeos em Libras, download dos materiais; edição dos vídeos, inserção das legendas e upload dos materiais em rede.

Durante o percurso da tutoria, ficou claro que não basta o encontro do tutor com o aluno se não há aproximação dos professores que ministram as disciplinas com seus próprios alunos. Assim é indispensável que existam encontros com o professor para planejamento e avaliação das ações e que exista um vínculo, ainda que criado em ambiente remoto, capaz de permitir um entrosamento com professores, tutores, monitores e intérpretes de libras, minimamente similar ao que ocorre no encontro presencial.

Precisamos, portanto, deixar mais clara a função da tutoria em acessibilidade e fomentar o acesso às páginas institucionais do curso de graduação em Ciências Biológicas¹² para divulgarmos recursos e tecnologias assistivas para os alunos da graduação da UFF. Vale notar que existem, por exemplo, programas de tutoria com

12 Aqui nos referimos a página institucional no site da UFF (<http://cienciasbiologicas.sites.uff.br/>), ao canal no Youtube (https://www.youtube.com/channel/UCRK4D2D61KN_RHjUXFct1OQ) e ao perfil no Instagram (<https://www.instagram.com/coordenacaobiouff/>).

páginas ativas em redes sociais, atuando na disseminação de informações¹³. Em todos os casos é preciso que todo o conteúdo veiculado esteja acessível - em várias camadas: técnica, visual e comunicacional.

Por fim, mas não menos importante, os alunos demonstraram queixas de instabilidade emocional, decorrentes da pandemia. As dificuldades para superar esse momento são muitas. De toda forma, foi importante o fomento da construção científica, para superar adversidades e conseguir construir, coletivamente, o sentimento de grupo e de caminhada comum pela construção do conhecimento.

4 CONCLUSÕES

A inclusão é um processo contínuo. É preciso despertar maior interesse das pessoas quanto ao tema da acessibilidade, bem como o interesse dos professores quanto à ampliação da participação dos discentes na construção de materiais acessíveis.

O falar sobre inclusão permite a abertura para projetos de efetiva acessibilidade, em suas diversas vertentes (principalmente atitudinal, mas também arquitetônica, comunicacional, instrumental, metodológica e programática) no âmbito da UFF.

Muitos projetos foram implementados na UFF, principalmente através do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão e a experiência da tutoria é apenas um dos caminhos de divulgação da temática.

A tutoria pode, assim, contribuir para difundir o conceito de deficiência a partir da diversidade humana, fomentando a noção de igualdade de direito e subjetividades e talentos, aproximando alunos e professores, bem como alunos com e sem deficiência. Especificamente no quesito acessibilidade é preciso disseminar o acesso às tecnologias assistivas que possam auxiliar como instrumental necessário ao acompanhamento das aulas, de forma remota. De modo semelhante, é preciso sempre repensar o dia a dia da acessibilidade nas aulas presenciais, com olhos voltados ao desenho universal e a noção de inclusão real (e não meramente formal).

REFERÊNCIAS

BRANCO, Juliana Cordeiro Soares; DOS PASSOS, Daniela Oliveira Ramos. Condições do trabalho docente e de tutoria na EAD: fragilização e precariedade. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1-18, 2020. <https://doi.org/10.20952/revtee.v13i32.14262>

BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em <https://bit.ly/3zUoS23>. Acesso em 2 de maio de 2021.

DENEVADO, Rosane Aragón; DALPIAZ, Maria Martha; DEMENEZES, Crediné Silva. Arquitetura pedagógica para construção colaborativa de conceituações. In: **Anais do Workshop de Informática na Escola**. 2009. p. 1653-1662. DOI: <http://dx.doi.org/10.5753/cbie.wie.2009.1653-1662>

GONÇALVES, Raelen Brandino. **A presença de crianças diagnosticadas com autismo na rede pública de ensino: expectativas e opiniões de pais, professores e profissionais da saúde**. Guarulhos, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3jXT8Uh>

¹³ Nesse sentido, inclusive, podem ser acessados os perfis no Instagram das seguintes tutorias da UFF: Letras (tutorialettras); Turismo (tutoriafthuff); Ciências Sociais e Antropologia (tutoriacienciassociais); Veterinária (tutoriavetuff) e Farmácia (tutoria.farmacia.uff).

LEAL, M. O. L. *et al.* Biotraduff: tradução de materiais para estudo de bioquímica e outras disciplinas moleculares em libras. **Revista Saberes: Ciências Biológicas, Exatas e Humanas**, v. 1, n. 1, p. 24-33, 2021. <https://bit.ly/3zS32w8>

MARINHO, Margot Latt. **O ensino da Biologia o intérprete e a geração de sinais**. Dissertação de Mestrado da Pós- Graduação em Linguística da UNB, Brasília, 2007, p: 7-30. <https://bit.ly/3zS5hPZ>

MARIANI BRAZ, Ruth Maria. **Libras**: a construção e a divulgação dos conceitos científicos sobre o ensino de ciências e biotecnologia através da integração de um dicionário internacional online, 2014. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://bit.ly/2X5K7zJ>

NUNES, Maria; MADUREIRA, Isabel. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. **Da investigação às práticas**, v. 5, n. 2, p. 126-143, 2015. <http://hdl.handle.net/10400.21/5211>

ONU. **A inclusão social e os direitos das pessoas com deficiência no Brasil**: uma agenda de desenvolvimento pós-2015. Brasília. 2013. Disponível em <https://bit.ly/3mkQ1Ho> .

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra. Almedina. 2020. <https://bit.ly/3AXEOAK>

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. **Revista Nacional de Reabilitação**, São Paulo, ano, v. 5, p. 6-9, 2003. <https://bit.ly/3szRQ11>

SILVA, J. F. C.; BAUMEL, R. C. R. C. O Ensino de Física para surdos no Brasil: barreiras, perspectivas e desafios. **XIII Encontro de Pesquisa em Ensino de Física**: Foz do Iguaçu, 2011, p. 1-8.

UFF BOLETIM DE SERVIÇO. ANO LIV – N.º 232 18/12/2020 SEÇÃO II PÁG. 03. Edital PROGRAD nº 02/2020, de 17 de dezembro de 2020. <http://www.editais.uff.br/tags/tutoria>

WINAGRASKI, Erika. **O Ensino de Ciências para Surdos**: criação e divulgação de Sinais em Libras. 2017. Tese de Doutorado Da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/28088>